



# Projeto Livro Livre

## Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

# Literatura



## Gil Vicente

*Auto da Romagem dos Agravados*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*Auto da Romagem dos Agravados*

**Gil Vicente**

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

**Iba Mendes**

---

Do ano de 1533.

Livro Digital nº 934 - 1ª Edição - São Paulo, 2018.

Teatro - Literatura Brasileira.

**Gil Vicente**

**(1465/1466 – 1536/1540)**



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# AUTO DA ROMAGEM DOS AGRAVADOS



*Esta tragicomédia seguinte é sátira: seu nome é "Romagem de Agravados". Foi representada ao mui excelente príncipe e nobre Rei Dom João, o terceiro em Portugal deste nome, na cidade de Évora, ao parto da muito esclarecida e cristianíssima rainha dona Catarina, nossa senhora, e nascimento do ilustríssimo infante dom Felipe, na era do Senhor de 1533.*

## FIGURAS:

FREI PAÇO

JOÃO MORTINHEIRA (vilão)

BASTIÃO (seu filho)

COLOPÊNDIO }  
BERENISO } fidalgos

MARTA DO PRADO }  
BRANCA DO REGO } regateiras

CERRO VENTOSO

FREI NARCISO

APARICIANES

GIRALDA (sua filha)

DOMICÍLIA }  
DOROSIA } freiras

HILÁRIA }  
JULIANA } pastoras

*(Entra logo Frei Paço com seu hábito e capelo e gorra de veludo, e luvas e espada dourada, fazendo meneios de muito doce cortesão, e diz)*

FREI PAÇO

Quem me vir entrar assi  
com estes jeitos que faço,  
cuidará que endoudecí,  
até que saiba de mi  
que sou o padre Frei Paço.

*Deo gratias* não me pertence,  
nem para sempre nem nada,  
senão espada dourada,  
porque muito bem parece  
ao Paço trazer espada.

Eu sou fino da pessoa,  
e por se não duvidar  
fiz uma cousa mui boa,  
leixei crescer a coroa:  
sem nunca a mandar rapar.

E portanto vos não digo  
*Deo gratias* se atentais nisto,  
nem louvado Jesu Cristo,  
inda que trago comigo  
hábito que é muito disso.

E sou tão paço em mi,  
que me posso bem gabar  
que invejar mexericar  
são meus salmos de Davi  
que costume de rezar.

Falo mui doce cortês,  
grã soma de cumprimentos:  
obras não nas esperes,  
senão que vos contentes  
com palavrinhas de ventos.

Sou favor e desfavor,  
mestre mor dos namorados,  
engano dos confiados  
sou templo do deus de amor,  
inferno de magoados.

Porém não como soía

é já a lei namorada,  
e porque tudo se enfria,  
amo assi de sesmaria,  
e suspiro de empreitada.

O auto que ora vereis,  
se chama irmãos amados,  
Romagem dos Agravados,  
inda que alguns achareis  
que se agravam de abastados.

E pera declaração  
desta obra santa *et cetra*,  
quisera dizer quem são  
as figuras que virão,  
por se entender bem a letra.

Porém é perder maré  
e dilatar a viagem,  
que per mui clara linguagem  
cada um dirá quem é  
e a causa da romagem.

Entrará logo um vilão,  
chamado João Mortinheira,  
agravado em grã maneira.  
Quero ver sua paixão  
assentado nesta cadeira.

*(Vem João Mortinheira com seu filho Bastião e diz)*

JOÃO MORTINHEIRA  
Oh descreio não de são,  
renego da sementeira!  
esta é forte canseira,  
que me tira a devoção

de rezar inda que queira.

Ca não vou pera rezar,  
pesar de minha madrasta,  
que rezar arrenegar,  
maldizer e contemplar,  
não podem ser duma casta.

Porque a pessoa agravada  
não lhe rege a devoção.

FREI PAÇO

De que te queixas vilão?

JOÃO MORTINHEIRA

De Deus, que é cousa provada  
que me tem grande tenção.

FREI PAÇO

Que te faz, que te querelas?

JOÃO MORTINHEIRA

Faz-me com que desespero.

FREI PAÇO

Quê?

JOÃO MORTINHEIRA

Que chove quando não quero,  
e faz um sol das estrelas,  
quando chuva alguma espero.

Ora alaga o semeado,  
ora seca quanta i há,  
ora venta sem recado,  
ora neva e mata o gado,  
e ele tanto se lhe dá.



Eu que o queira demandar  
por corisco e trovoada,  
por pedrisco e por geada,  
buscai quem o vá citar  
que lhe acerte com a pousada.

Não tem prema de ninguém,  
e fará quanto quiser.  
Podia-me Deus fazer bem  
sem nisso dar perda a alguém  
mas do demo que ele quer.

E com estas cousas tais,  
que eu vejo desta maneira,  
digo que me tem cenreira,  
e não cureis vós de mais,  
que craro se vê na eira.

FREI PAÇO

Cuidas que não dizes nada,  
e que mora Deus contigo?

JOÃO MORTINHEIRA

Vedes vós? Eu, padre, digo  
que tempere a invernada  
e leixe criar o trigo.

Mas ele de tençoeiro,  
sem ganhar nisso ceitil,  
vai dar chuvas em janeiro,  
e geadas em abril,  
e calmas em fevereiro.

E névoas no mês de maio,  
e meado julho pedra.  
Eu trabalho atás que caio:

pardeus ele que é meu aio  
cada vez mais me desmedra.

FREI PAÇO

Olha tu pela ventura  
se lhe pagas bem o seu.

JOÃO MORTINHEIRA

Bem me dizimaria eu,  
se ele de birra pura  
não danasse o seu e o meu.

FREI PAÇO

Rezas-lhe tu alguns dias  
que te livre dessa afronta?

JOÃO MORTINHEIRA

Muito faz ele ora conta  
das minhas Ave Marias!  
rezo-lhe mais do que monta.

Não sei a quem ele sai,  
mas é feito a seu prazer.  
Ele me matou meu pai,  
e meu dono e então vai  
fez morrer minha mulher.

Tomai-lhe lá conta e vede  
porque matou minha tia  
que mil esmolos fazia,  
e deixa os rendeiros do verde  
que me citam cada dia.

FREI PAÇO

Dizem que não pode ser  
maior dom que bom conselho,  
faze o que te eu disser:

conforma-te co que Deus quer,  
e do siso faze espelho.

JOÃO MORTINHEIRA

Conforme-se ele comigo  
er também no que é razão,  
que eu sou pobre coma cão,  
e cada dia lho digo,  
e folga se vem à mão.

Não me presta nemigalha  
oferta nem oração:  
ora dá palha sem grão,  
ora não dá grão nem palha,  
senão infinda opressão.

Por isso quero fazer  
este meu rapaz de igreja,  
não com devoção sobeja,  
mas por que possa viver  
como mais folgado seja.

Quereis-mo, padre, ensinar,  
e dar-vos-ei quanto tenho?

FREI PAÇO

Se o ele bem tomar.

JOÃO MORTINHEIRA

Para tudo tem engenho,  
e tem voz pera cantar.

FREI PAÇO

Toma este papel na mão  
e lê esses versozinhos.

BASTIÃO

Isto é pera cominhos,  
ou hei de ir por açafão?

FREI PAÇO

Ainda não sabes nada.

BASTIÃO

Sei onde mora a tendeira.

JOÃO MORTINHEIRA

É mais agudo que a espada,  
não há i cabra na manada  
que não tenha na moleira.

FREI PAÇO

Ora sus, sem mais debate  
dize: A B C D E.

BASTIÃO

Arre arre cedo é.

FREI PAÇO

Dize: A X.

BASTIÃO

Assis era um alfaiate  
que morava ali à Sé.

JOÃO MORTINHEIRA

Se tu vives, Bastião, serás um fino letrado.

BASTIÃO

Parece que andou o arado  
per estas que quer que são.

FREI PAÇO

Hás mister bem examinado.

E no latim te quero ver  
dize ora: *beatus vir*.

BASTIÃO

Pouco é isso de dizer:  
vi ora três ratos vir.

JOÃO MORTINHEIRA

Vede lá esse saber.

FREI PAÇO

Dize ora cantando: amém,  
por ver se sabes cantar.

BASTIÃO

Oh que cousa pera errar!  
A bem.

FREI PAÇO

Alto, alto, amém.  
(*Assovia em lugar de amém*)  
Não cureis de debater:  
nem no quero ensinar mais,  
digo que embalde cansais,  
que este nunca há de aprender.

JOÃO MORTINHEIRA

Segundo o vós ensinais.

BASTIÃO

Pai, pai, que senhor é aquele  
que vem cá quase mortal?

JOÃO MORTINHEIRA

Colopêndio se chama ele.  
e tão grande amor deu nele  
que o trata bofé mal.

Vem agravado por isso  
e descontente de si,  
ele e logo Bereniso,  
fidalgos de grande aviso.

*(Vem Colopêndio e Bereniso, e diz)*

### COLOPÊNDIO

Pois amor o quis assi,  
que meu mal tanto me dura.  
Não tardes triste ventura  
que a dor não se dói de mi,  
e sem ti não tenho cura.

Foges-me, sabendo certo  
que passo perigo marinho,  
e sem ti vou tão deserto,  
que quando cuido que acerto,  
vou mais fora de caminho.

Porque tais carreiras sigo,  
e com tal dita nasci  
nesta vida em que não vivo,  
que eu cuido que estou comigo,  
eu ando fora de mi.

Quando falo, estou calado;  
quando estou, entonces ando;  
quando ando, estou quedado;  
quando durmo, estou acordado;  
quando acordo, estou sonhando.

Quando chamo, então respondo;  
quando choro, entonces rio;  
quando me queimo, hei frio;  
quando me mostro, me escondo;

quando espero, desconfio.

Não sei se sei o que digo,  
que coisa certa não acerto,  
se fujo de meu perigo,  
cada vez estou mais perto  
de ter mor guerra comigo.

Prometem-me uns vãos cuidados  
mil mundos favorecidos,  
com que serão descansados,  
e eu acho-os todos mudados  
em outros mundos perdidos.

Já não ousa de cuidar,  
nem posso estar sem cuidado,  
mato-me por me matar,  
onde estou não posso estar  
sem estar desesperado.

Parece-me quanto vejo  
tudo triste com razão:  
coisas que não vem nem vão,  
essas são as que desejo,  
e todas pena me dão.

Eu remédio não no espero,  
porque aquela em que me fundo,  
pera mi que tanto a quero,  
tem o coração de Nero  
pera me tirar do mundo.

BERENISO

Quem sofrimentos vendesse  
quanto ouro ganharia!  
Que eu por um só lhe daria  
a vida se a tivesse,

como quando Deus queria.

Porque é tal meu padecer,  
sem ninguém de mi ter dó,  
que as pragas de Faraó  
não se houveram de escrever,  
nem os agravos de Jó.

#### COLOPÊNDIO

Ai de mi que estou em tal risco  
de penosa confusão,  
que tenho já o coração  
feito pedra de corisco,  
e meu espírito carvão.

Minha alma com tal perigo  
deseja ser de animal  
porque de mi lhe vem mal,  
meu bem pesa-lhe comigo,  
e eu quero-lhe mal mortal.

#### BERENISO

Ó irmão, onde te vás?

#### COLOPÊNDIO

Juro às dores que sustenho,  
que não sei se vou se venho  
tu senhor meu mo dirás,  
que eu de mi novas não tenho.

#### BERENISO

Se fosses bem namorado,  
entre os teus termos mortais  
terias vivo o cuidado,  
mas amor desacordado  
é desacordo e nô mais.



### COLOPÊNDIO

Se amasses onde eu  
e servisses a quem sirvo,  
pasmarias como vivo,  
e mais terias de teu  
os desacordos que digo.

### BERENISO

Pois que tu mesmo reclamas  
que não sabes onde estás,  
nem sentes se vens se vás,  
como sabes tu a quem amas,  
ou por quem suspirarás?

### COLOPÊNDIO

Pois falas isento assi,  
certo a mi se me afigura  
que nunca chegou a ti  
o ímpeto que contra mi  
tomou a desventura.

Sabe certo que é, senhor,  
meu desacordo de sorte,  
que ele esforça minha dor  
pera outro mal maior,  
que está aquém de minha morte.  
Assi que meu desmaiar  
per tal jeito se ordena,  
que não se me passa pena  
por sentir nem por chorar,  
nem dor grande nem pequena.

### BERENISO

Eu sou o mor namorado  
homem que nunca se achou:  
porém um excomungado  
que o diabo excomungou,

nunca foi tão desamado.

A dama cujo nasci,  
o maior prazer que sente,  
é dizerem mal de mi,  
se venho fuge dali,  
se me vou fica contente.

Ela pedia mosteiro  
agora quer-se casar,  
por que eu me vá enforçar  
no mais alto soveiro  
que eu mesmo per mi buscar.

FREI PAÇO  
E Frei Paço estar calado!

BERENISO  
Frei Paço, sois de verdade?

FREI PAÇO  
Senhor, a vosso mandado.

BERENISO  
Quanto eu à minha vontade  
o paço em frade tornado,  
nem é paço nem é frade.

FREI PAÇO  
Irmãos, haveis de notar  
que o paço é flor das flores,  
pasto de grandes senhores  
e mais é um grande mar  
com soma de pescadores.

Uma grandeza sumária  
de virtudes e nobrezas,

floresta mui necessária,  
linda escola sibilária,  
onde se aprendem grandezas.

#### COLOPÊNDIO

Padre muito bem dizeis  
que também suas donzelas  
são figuras das estrelas,  
e imagens de Deus os reis,  
que dão luz a todas elas.

#### FREI PAÇO

Porém onde caminhais,  
falai, senhores, comigo.

#### COLOPÊNDIO

Cada um leva consigo  
agravos tantos, e tais,  
que ouvi-los, corres perigo.

Eu já amo e desespero,  
nunca de queixar me leixo,  
e ando tão fora do eixo,  
que eu mesmo busco e quero  
os males de que me queixo.

#### BERENISO

Sabe Deus e as estrelas  
que minhas coitas amaras  
buscá-las me são mais caras  
mil vezes que não sofrê-las.

Que a saudade sentida  
me lastima de tal sorte,  
que com vontade acendida  
me faz ir ver minha vida,  
por que vá buscar a morte.

FREI PAÇO

Se isso assi conheceis,  
que vós per vós vos matais,  
culpados a quem culpais?  
Mortos que vida quereis,  
ou de que vos agravais?

COLOPÊNDIO

Padre Paço, bem sentis.  
Digo que amo a uma donzela  
mais bela que frol de lis,  
por que tanto mal me quis,  
pois nasci cativo dela?

FREI PAÇO

Porque foi nascer co ela  
não vos ter em dous ceitis.  
E quanto vós presumis  
não no estima por ser bela,  
nem quanto lhe referis.

COLOPÊNDIO

*Deo gratias* ouvi-me padre  
e se meu serviço atura?

FREI PAÇO

Digo ora eu pela ventura,  
que não sois à sua vontade,  
obrigá-la-eis por escritura.

Que dous conformes amores  
num amor é de ventura,  
e se só por formosura  
se vencem os amadores,  
será amor mas não de dura.

COLOPÊNDIO

Depois se praticará  
o mais de que sou agravado:  
Branca do Rego vem lá,  
e também Marta do Prado,  
regateiras do pescado,  
escutemo-las de cá.

MARTA  
Olha cá, Branca do Rego.

BRANCA  
Que me queres, Marta do Prado?

MARTA  
Tu tens tudo emburilhado,  
pera que é falar galego,  
senão craro e despachado?

BRANCA  
E bem, em quê? Andar embora,  
feito é o forno da telha.

MARTA  
Se tu não deras à golhelha,  
nunca o nosso agravo fora,  
nem eu torcera a orelha.

Não a não, mas tu andar  
dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe,  
urdir, torcer, ordenar...  
tu não duravas em vale  
com pressa do mau pesar.

Casade-a ora, ui, casade-a ora,  
que é um mancebo de rosas,  
antes que se afaste afora  
e por isso nas más horas

nos agravamos agora.

BRANCA

Ora olhai, ouvi, ouvi,  
que me foi a rodear!  
Havias tu de buscar  
com que pôr a culpa a mi,  
e queres-te a ti salvar.

Por que não contas agora  
as práticas saborosas  
do cachopinho de rosas  
com que sias cada hora?

MARTA

Contarei as suas prosas.

FREI PAÇO

E de que ides agravadas  
nesta santa ladainha?

BRANCA

Tínhamos uma sobrinha,  
que tinha um conto aosadas,  
e tudo se tornou tinha.

Sai-nos um casamento  
com um moço da câmara del-rei  
casarei não casarei  
tão doce, tão açucarento...  
Jesu! como o contarei.

Luva vai e luva vem,  
e alvalá de filhamento  
fazemo-lo casamento  
com o carrapato de Ourém,  
moço da câmara do vento.

FREI PAÇO

Tem de casamento tanto,  
e moradia sabida.

MARTA

Ui! pela sua negra vida,  
ele é dos do livro em branco,  
e da esperança perdida.

BRANCA

O alvalá que nos mostrou  
com tanto de filhamento,  
tanto de acrescentamento,  
não sei quem lho despachou

MARTA

Damião Dias, ou alguém,  
lhe houve ele o negro alvalá,  
Cristóvão Esteves também,  
ou quiçais, sabe Deus quem...  
André Pires não será.

BRANCA

Nem o conde do Vimioso.  
Fernão de Álvares seria,  
ou o conde de Penela,  
que é muito dadivoso.  
Já sei quem lho haveria:  
o dom Rui Lobo em Palmela...

Ou o Lourenço de Sousa,  
ou não sei se o veador,  
se o mesmo Pero Carvalho,  
se foi bispo, se doutor,  
que nos deu tanto trabalho.

MARTA

Mau quebranto que os quebrante,  
por que vão aportunar,  
para ajudar a enganar  
uma cachopa anarante  
com um rascão do mau pesar?

BRANCA

Eles são os presidentes  
e os mesmos requerentes,  
e se lhes dizeis que é mal  
tornam a culpa ao sinal  
e eles fazem-se inocentes.

MARTA

Pois já isto anda tão baixo,  
haverei co esta cautela  
um alvalá de donzela,  
então casar no Cartaxo,  
ou na raia de Castela.

FREI PAÇO

A honra só vos abasta  
se o moço é de boa linha,  
seu pai será de boa casta  
e fidalgo mui asinha.

BRANCA

Atada fica a canasta.

Fidalgo! assi seria  
fidalgo por seu dolor,  
que sabe a Brívia de cor  
e não acerta a Ave Maria.

Andava ele namorado!

E por, má-hora, dizer ai,



dezia-lhe guai...  
e por dizer minha senhora,  
chamava-lhe minha sinoga...  
Este é o negro de seu pai.

MARTA

Ouvides vós, Frei Cigarra,  
onde vai aqui a estrada  
per u os agravados vão?

FREI PAÇO

Eu não vos acho razão,  
nem sois agravadas nada.

MARTA

Por quê?

FREI PAÇO

Porque os casamentos  
todos são porque hão de ser,  
e com quem, desde o nascer,  
e a que horas e momentos  
assi há de acontecer.

E assi as religiosas  
nasceram pera ser freiras,  
e vós pera regateiras,  
outras pera ser viçosas,  
e outras pera canseiras.

MARTA

E vós mano frei trogalho,  
em que pernetas nasceste,  
que má-hora cá vieste?  
Dizei padre frei chocalho,  
tudo vós isso aprendeste.

Cebolinho e espinafre,  
já vo-la barba nasce.  
Ora ouvide-lhe o sermão,  
e tangede-lhe o atabaque,  
não caia ponde-lhe a mão.

O que as pernetas fazem,  
é porque nós o causamos,  
e se fortunas nos trazem,  
é porque nós as buscamos,  
que os erros de nós nascem.

Então quer frei bolorento  
falar comigo aravia?

BRANCA

Vamos nossa romaria,  
que é grã perda perder tempo,  
e mais vai-se a companhia.

Ou crê-me, Marta do Rego,  
este casamento é feito,  
já a burrinha jaz no pego,  
enterrado é João Galego,  
não temos nenhum direito.

Porventura, foi por bem.  
Rogo-te ora como amiga,  
que não tomemos fadiga,  
nem nos ouça mais ninguém.  
Cantemos uma cantiga.

Ensaemo-nos per i,  
pera irmos lá bailar,  
tu dali e eu daqui,  
ou tu daqui e eu dali.  
Mas tu hás de começar.

*(Cantam ambas e bailam ao som desta cantiga)*

Mor Gonçalves,  
tão mal que me encarcelastes.

Nos paços del-rei,  
e na câmara da rainha,  
du bailava el-rei,  
e com dona Caterina

Mor Gonçalves,  
e tão mal que me encarcelastes.

MARTA  
Embaixadas do Mondego!  
Ou, que momos são ora estes,  
que cá vem com frei galego?

BRANCA  
Eu to direi muito prestes.

O frade é frei Narciso,  
e vem cá muito queixoso,  
porque o não fizeram bispo,  
o outro é Cerro Ventoso,  
grã cabecinha de pisco.

Ambos vão muito agravados,  
demos-lhe, mana, lugar,  
queixar-se-ão de seus agravos,  
sem lhes nada aproveitar  
queixumes mal consirados.

*(Vem Cerro Ventoso e Frei Narciso)*

CERRO VENTOSO  
Onde is, padre?

FREI NARCISO

Vou cá  
também nesta romaria.

CERRO VENTOSO

Também à santa Maria?  
Eu assi vou pera lá,  
vamo-nos em companhia.

FREI NARCISO

Vamos, nome da trindade.

CERRO VENTOSO

Sempre aos religiosos  
tenho mui boa vontade.

FREI NARCISO

Quem visse essa humanidade  
aos príncipes poderosos.

CERRO VENTOSO

Padre, eu sou dos agravados,  
porque não tenho de renda  
senão quatro mil cruzados,  
fiz-me el-rei dos mais privados,  
mas não dá com que me estenda.

FREI NARCISO

E eu prego a generosos  
príncipes singularmente,  
e vivo mui austinente,  
marteirando a carne e ossos,  
como cá meu corpo sente.

Estudando, maginando,  
trabalhando por privar,  
sem vontade jejuando,

senão somente esperando  
se posso mais arribar.

E por parecer miselo,  
e toda a corte em mi creia,  
Defumo-me co este zelo,  
e faço o rosto amarelo  
com muita palha centea.

E tudo isto padeci  
por haver algum bispado,  
quase assi arrezoadado,  
e porque tardava, o pedi,  
e saí bispo escusado.

CERRO VENTOSO

Assi que pescastes níchel:  
mui mal olhado foi isso.

FREI NARCISO

Já fizessem-me ora bispo  
sequer do ilhéu de Peniche,  
pois sou frade pera isso.

Que, sem saber ler nem rezar,  
vi eu já bispos que pasmo,  
e não sei conjecturar  
como se pode assentar  
mítara em cabeça de asno.

CERRO VENTOSO

Que tendes vós, padre meu,  
de renda?

FREI NARCISO

Tenho lazeiras,  
oitenta mil tenho eu.

CERRO VENTOSO

Dixe, e quem isso tem de seu  
não pedirá pelas eiras.

FREI NARCISO

Dizei-me, Cerro Ventoso,  
não hei de ter uma mula?

CERRO VENTOSO

Se for bem estudioso,  
por que quer um religioso  
andar sempre xula xula?

FREI NARCISO

Por isso peço eu bispado,  
que possa ter dez rascões,  
e um escravo ocupado,  
que sempre tenha cuidado  
dos cavalos e falcões.

CERRO VENTOSO

Esse estado tão bispal  
a dita vos pode dá-lo,  
mas São Jerônimo é tal,  
que inda que era cardeal,  
nunca se pinta a cavalo.

Mas vós, padre, sois do Paço,  
e São Jerônimo do ermo,  
e não dobrais vosso braço,  
açoutando o espinhaço,  
nem trazeis o peito enfermo.

FREI PAÇO

E vós de que vos queixais?

CERRO VENTOSO

Eu do Paço me agravo,  
que o servi como escravo.

FREI PAÇO

Sequer vós que assi medrais,  
não devíeis de ir tão bravo.

Porque entrastes nesse jogo  
mais prove do que eu estou,  
e a dita vos terçou,  
mas não quero dizer logo  
que a soberba vos cegou.

CERRO VENTOSO

Corpo de mi co a contenda,  
nem com quanto vós falais!  
A dous contos de reais  
não me chegarão de renda.

FREI PAÇO

Não sei em que vos fundais.  
Dous contos! por quê? per onde?

CERRO VENTOSO

Digo-vos sem mais arengas.  
como quem vos nada esconde.  
Que eu me fundo em ser conde,  
sequer conde das Berlengas.

FREI PAÇO

Tão largamente cortais,  
que entender-vos não posso,  
sei que tendes bem de vosso.  
E pois vos não contentais.  
Vem-vos de Cerro Ventoso.

Aparicianes vem  
com sua filha Giralda,  
lavrador que fala bem:  
não nos estorve ninguém,  
nem percamos dele nada.

#### APARICIANES

Eu soía a ser que cantava  
com os bois e sem bois ainda,  
também quando caminhava,  
sempre à ida e à vinda,  
nunca de cantar cessava.

Jamais canseira sentia  
nem per calma nem per lama,  
e ainda cantaria,  
mas pobreza e alegria  
nunca dormem numa cama.

Grande bem, se não me enleio,  
é lembrar o mal passado  
depois de ser acabado,  
porém eu que estou no meio,  
vivo mais desesperado.

Vou nesta triste romagem  
um dos mais atribulados,  
e pera justa romagem  
minha era a pilotagem,  
per maior dos agravados.

#### FREI PAÇO

Corpo de mi com o vilão,  
como fala cerceado!  
Onde vás?

#### APARICIANES



Per esse chão.

FREI PAÇO  
Queres bailar?

APARICIANES  
Bofá não.

FREI PAÇO  
Por quê?

APARICIANES  
Vou agravado.

FREI PAÇO  
Agravado pode i haver.  
Que agravo seja em ti?

APARICIANES  
Perdoai, Frei Alfaqui,  
que vós não sabeis comer.  
Pois falais isso assi.

Porque eu tenho dous casais  
dos frades de apanha porros,  
e com os fortes temporais,  
são as novidades tais,  
que não chegam pera os foros.

E os padres verdadeiros  
cartuxos de santa vida.  
Apanham-me os travesseiros  
com mais ira que os reideiros.  
Sem me razão ser ouvida.

Cuidei que eles me esperaram.  
Por não ficar em camisa.

E o com que me consolaram.  
Foi dizer que não tomaram  
espera por sua divisa.

Não lhes rogo mal, nem nada,  
porque são santas pessoas:  
mas praza à paixão sagrada  
que lhes deem tanta seixada,  
que lhes quebrem as coroas.

Quero ora perder rancor.  
E não ir com isto ao cabo,  
perdoe-lhes polo amor  
de Deus nosso salvador.  
Encomendo-os ó diabo.  
Como vos chamais?

FREI PAÇO  
Frei Paço.

APARICIANES  
Frei Paço? Santa Guiomar!  
Frei Paço, tendes espaço  
pera poder xaminar  
esta cachopa um pedaço?

É da serra da Lousã,  
moça de muito boa fama,  
trago-a cá pera ser dama,  
quero que seja paçã.

FREI PAÇO  
Amigo, a dama prezada  
há de ser rica e formosa,  
muito sentida, assossegada,  
cortês mansa graciosa.

APARICIANES

Tudo isso Giralda tem.

FREI PAÇO

Ponhamos-lhe ora um trançado,  
vejamos como lhe vem.

APARICIANES

Dai, dai ó demo o toucado,  
que não é pera ninguém.

FREI PAÇO

Tu, vilão, queres dizer  
que isto não é pera a sega,  
e pera o paço há mister.

APARICIANES

Isso é rabo de pega,  
e não é pera mulher...  
Nisso está ora Apariço.

FREI PAÇO

Pois não lhe estava ele mal.

APARICIANES

Viu nunca o demo pardal  
ter o rabo no toutiço.

FREI PAÇO

Não lhe vejo bons caminhos.

APARICIANES

Por quê?

FREI PAÇO

Não tem pera isso ar.

## APARICIANES

Pisou uvas no lagar,  
e tem nódoas nos focinhos  
mas ela se irá lavar.

E er também per razão  
que ela assi é pertelhoa,  
lhe merquei eu em Lisboa  
dum que chamam solivão,  
que faz luzir a pessoa.

E merquei-lhe dum judeu  
duns torrões brancos que i há,  
não sei que nome é o seu,  
alvaiade creio eu  
que o ele chamam cá.

E merquei-lhe das tendejas  
rebiquelhe genovês:  
dum que põe pelas trincheiras  
lhe merquei eu dez salseiras,  
que lhe avondarão um mês.

## FREI PAÇO

Ora faça uma mesura  
vejamos que ar lhe dá.

## GIRALDA

Pera cá ou pera lá?

## FREI PAÇO

Olhai-me aquela doçura  
pera a doçura de cá.

Senhora dama das cabras,  
haveis de fazer assi.  
Atentastes pera mi?

E dai assi as passadas.  
Entendeis este latim?

E olhareis deste jeito,  
assi com um recacho oufano,  
vosso corpo mui direito,  
pouco riso e mui bem feito,  
fornado de honesto engano.

De quando em quando o falar  
cousa é que muito contenta,  
não amar nem o leixar,  
e por vos mostrar isenta,  
guardai-vos de suspirar.

GIRALDA

Tudo isso que dizeis  
farei eu senão de flores.

FREI PAÇO

Quereis vós falar amores,  
por ver que respondereis  
aos vossos servidores?

Senhora, há já mil anos,  
que vos quisera falar,  
e por vos não anojár,  
padeço já tantos danos,  
que os não posso calar.

GIRALDA

Que má-hora cá viestes,  
como eu folgo co isso tal.

FREI PAÇO

Se vós folgais com o meu mal  
o meu mal vós o fizestes

ó meu bem angelical.

Que em pago do bem que vos quero  
se não vós, quem me feriu  
com o vosso lindo cutelo?

GIRALDA

Disso estais vós amarelo  
do sangue que vos saiu.

FREI PAÇO

Ó senhora que matais  
a todos quantos feris,  
e a ninguém perdoais.

GIRALDA

Quão docemente mentis  
todos quantos bem falais!

FREI PAÇO

Senhora, quem amansasse  
vossas iras de matar!

GIRALDA

Quantos mortos que eu matasse,  
ajudastes a enterrar?

FREI PAÇO

Ao menos eu agora  
sem remédio de conforto,  
já minha alma é de mi fora  
pois *memento mei*, senhora,  
lembre-vos que ando morto.

Morto me tendes aqui,  
e morto desesperado.

GIRALDA

Quanto a se isso fosse assi  
espantar-me-ia eu de mi,  
não pasmar de homem finado.

Como? Fantasma sois vós?

FREI PAÇO

Oh como estais graciosa!

GIRALDA

Digo que sou tão medrosa  
dos mortos (livre-nos Deus!)  
que não creio a morte vossa.

Se morto, como falais?

Se defunto, como ouvis?

Sem alma, como sentis?

Sem sentidos, que pedis?

Finado vós, que buscais?

FREI PAÇO

Sou morto, e vivo em tormento;  
sou finado, e ando em pena.

GIRALDA

Porém vosso enterramento?

Quando embora se ordena

e se cumpre o testamento?

APARICIANES

Frei Paço, já bem está,

escusada é mais linguagem.

Quero ir minha romagem

que isto mui bem se fará,

porque a moça é de vantagemem.

FREI PAÇO

Umas freiras que cá vem,  
são naturais da Sicília  
Dorosia e Domicília  
são os seus nomes que tem.

E de mal aconselhadas,  
e tocadas da ignorância,  
vão queixosas e agravadas,  
porque as fazem encerradas,  
e viver em observância.

*(Vem Domicília e Dorosia, freiras, e diz Domicília)*

DOMICÍLIA

Certamente infindos são,  
cousa pera não se crer,  
os queixosos que cá vão,  
se eles todos tem razão,  
mas isto não pode ser.

DOROSIA

Por que há i tantos agravados,  
mais agora que soía?

DOMICÍLIA

Porque nos tempos passados,  
todos eram compassados  
e ninguém se desmedia.

Mas a presunção isenta,  
que cresceu em demasia,  
criou tanta fantasia,  
que ninguém não se contenta  
da maneira que soía.

Tudo vai fora de termos,



deu o ar na recovagem.

DOROSIA

Será bem não nos determos,  
andemos quanto pudermos,  
cumpramos nossa romagem.

Roguemos a frei Narciso  
que vá em nossa companhia,  
fá-lo-á com boa vontade.

DOMICÍLIA

Irmã, bom seria isso,  
e eu bem o outorgaria,  
mas abasta-lhe ser frade.  
E bem narciso aosadas!

DOROSIA

Pois com quem iremos nós?

DOMICÍLIA

É melhor que vamos sós,  
que não mal acompanhadas.

DOROSIA

Por quê?

DOMICÍLIA

Isso vede vós.

DOROSIA

*Deo gratias*, padre Narciso.

FREI NARCISO

Pera sempre aleluia.

DOROSIA

Pois is nesta romaria,  
assi Deus vos dê o paraíso  
que vamos em companhia.

FREI NARCISO

Iria mui ledo em cabo,  
melhor que pera o mosteiro,  
mas o amor é tão ligeiro,  
que o dai vós ao diabo,  
e temo seu cativoiro.

DOROSIA

Iremos, padre, rezando,  
sempre de noite e de dia.

FREI NARCISO

Já disse que folgaria,  
mas temo de ir suspirando.  
Mais vezes do que eu queria.

DOROSIA

Pois como havemos de ir sós  
daqui a quarenta jornadas?

FREI NARCISO

De que ides vós agravadas?

DOROSIA

De quê? Coitadas de nós  
que razão temos aosadas.

FREI NARCISO

Tamanha é a importância,  
que assi vos desterrais?

DOMICÍLIA

Padre, éramos craustais,

e fazem-nos de observância  
e pera sempre jamais.

FREI NARCISO

E disso vos agravais?

DOROSIA

Disto nos queixamos nós.

FREI NARCISO

Pois que haveis medo de ir sós,  
pera que vos arredais  
da companhia de Deus?

Cuidais que is bem aviadas?  
Pois eu, senhoras, me fundo  
que quanto mais encerradas,  
tanto estais mais abrigadas  
das tempestades do mundo.

Ca sempre os sábios disseram,  
pois do falar vem os perigos  
conversação afastá-la.

DOMICÍLIA

Dizei que mal nos fizeram  
os parentes e amigos,  
para lhes tolher a fala.

E se formos visitadas  
de mãe, ou tias, ou dona,  
por que males ou erradas  
lhes falaremos tapadas,  
coma bestas de atafona?

FREI NARCISO

Estas pastoras ouçamos,

saberemos seus agravos.

*(Vem Juliana e Hilária, pastoras, e diz Juliana)*

JULIANA

Hilária, mui pouco andamos,  
pera segundo levamos  
os corações agravados.

HILÁRIA

O meu Silvestre anda morto,  
porque me querem casar  
com o filho de Pero Torto.

JULIANA

E o meu Brás quer-se enforcar  
porque me casam no Porto.

HILÁRIA

Silvestre há de fazer  
um desatino de si.

JULIANA

E Brás há de endoudecer,  
pois Deus não há de querer  
que eu nada faça de mi.

HILÁRIA

Juliana que faremos?

JULIANA

Bofé, Hilária não sei.

HILÁRIA

Sabes, mana, que eu farei?

JULIANA

Dize, rogo-to, e veremos.

HILÁRIA

Escuta que eu to direi...

Direi que andando a de parte  
com o meu gado em Alqueidão,  
me apareceu uma visão,  
que me disse: moça guarda-te  
de chegares a barão.

E assi me escusarei  
deste negro casamento,  
e depois andando o tempo,  
outra visão acharei,  
que case a contentamento.

JULIANA

Eu direi que um escolar  
me tirou o nascimento  
e disse: o teu casamento,  
se no Porto há de casar,  
amara vida te sento.

Cá serás demoninhada  
esses dias que viveres.

HILÁRIA

Quê Com essa emborilhada  
ficarás desabafada,  
casarás com quem quiseres.

A fortuna todavia  
nos tem que farte agravadas  
andemos nossas jornadas  
cheguemos à romaria

e seremos descansadas.

JULIANA

Rogo-vos João da Mortinheira,  
que nos vades acompanhar.

JOÃO MORTINHEIRA

Cachopas hei de levar?  
Per essa mesma maneira  
me darão muita madeira  
nas costas a meu pesar.

JULIANA

Por quê?

JOÃO MORTINHEIRA

Porque há i  
rascões e outros de Paço,  
e as cachopas dão-lhes de azo  
entances buscai per i,  
e tomai raposa em laço.

JULIANA

Nós somos doutro lameiro,  
e de casta mais sisuda.

JOÃO MORTINHEIRA

Tudo isso pouco ajuda,  
que uma cachopa se muda  
como o tempo em fevereiro.

Pardez que nom há que fiar,  
que os caranguejos na eira  
e as moças na carreira,  
quem as houver de guardar,  
bofás tem assaz canseira.

Crede que fazem por elas  
todolos escudeirotos,  
e ainda os sacerdotes  
poucas vezes fogem delas.  
Deixemos ora estes motes!

Pois que vos querem casar,  
pera onde is aviadas?

JULIANA

Porque somos agravadas  
nos imos desagruvar,  
bem tristes e bem cansadas.

Eu não sei por que respeito  
nossas mães e nossos pais  
nos trazem maridos tais,  
tanto contra nosso jeito,  
que os diabos não são mais.

As cabeças como outeiros,  
os cabelos carcomidos,  
louros coma sovereiros,  
penteados de ano em ano,  
maus chiotes de má pano:  
folgai lá com tais maridos.

HILÁRIA

E o meu é por seus pecados  
vesgo o mais que nunca vi,  
tem os olhos enfrestados  
se lhe falares ou assi,  
não saberás se olha a ti,  
se olha pera os telhados.

JOÃO MORTINHEIRA

Vós outras sois uma relé

bofá de forte alimento:  
ora olhai vós que cousa é,  
que vós remais coma galé,  
e andais melhor que o vento.

Casai earamá com siso,  
e dai ó demo a afeição,  
que se seca logo isso,  
e quem casa com aviso  
acha em casa a descrição.

JULIANA  
Como casam?

JOÃO MORTINHEIRA  
Muito asinha.

JULIANA  
De que modo?

JOÃO MORTINHEIRA  
Digo eu:  
Juliana, eu sou teu...  
Ora dize tu que és minha,  
e mais quanto Deus te deu.

JULIANA  
Não é mais... E isso avonda?

JOÃO MORTINHEIRA  
Não é mais, nem mais se deve.  
Porém a cantiga é breve,  
mas a grosa muito longa.

FREI PAÇO  
Agravos que não tem cura  
procurai de os esquecer,



que impossível é vencer  
batalha contra ventura  
quem ventura não tiver.

Não deve lembrar agora  
agravos nem fantasias,  
senão muitas alegrias.  
À rainha, nossa senhora,  
que viva infinitos dias.

Cantemos uma cantiga,  
ao mesmo infante bento,  
e ao seu bento nascimento,  
por que a rainha não diga  
que somos homens de vento.

*(Ordenaram-se todas as figuras como em dança, e a vozes bailaram, e cantaram a cantiga seguinte)*

Por mayo era por mayo  
ocho días por andar,  
el infante don Felipe  
nació en Évora ciudad.  
Ua! ua!  
Viva el infante, el rey y la reina  
como las aguas del mar.

El infante don Felipe  
nació en Évora ciudad,  
no nació en noche oscura.  
Ni tampoco por lunar.  
Ua! ua!  
Viva el infante, el rey y la reina  
como las ondas del mar.

No nació en noche oscura  
ni tampoco per lunar

nació cuando el sol de crina  
sus rayos sobre la mar.  
Ua! ua!  
Viva el infante el rey y la reina  
como las aguas del mar.

Nació cuando el sol de crina  
sus rayos sobre la mar,  
en un día de domingo,  
domingo para notar.  
Ua! ua!  
Viva el infante el rey y la reina  
como las ondas del mar.

En un día de domingo,  
domingo para notar,  
cuando las aves cantaban  
cada una su cantar.  
Ua! ua!  
Viva el infante el rey y la reina  
como la tierra y la mar.

Cuando las aves cantaban  
cada una su cantar.  
Cuando los árboles verdes  
sus frutos quieren pintar  
Ua! ua!  
Viva el infante el rey y la reina  
como las aguas del mar.

Cuando los árboles verdes  
sus frutos quieren pintar  
alumbró Dios a la reina  
con su fruto natural.  
Ua! ua!  
Viva el infante el rey y la reina  
como las aguas del mar.

*(E com esta música e dança se saíram, e fenece esta última tragicomédia do livro terceiro)*



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**